

A cultura transmite-se e constrói-se através e sobre um processo de expressão.

Pondo de parte a cultura técnica, que exige uma linguagem técnica que a traduza, a chamada cultura geral perderá potência de direcção se em vez de se exprimir em estilo elevado se servir duma fala simples e claramente compreensível para toda a gente? Respondem dois exemplos da nossa literatura: Leonardo Coimbra e Camilo.

Aquele, rebuscador duma linguagem académica inchada de extravagantes e difíceis desenhos verbalistas não consegue dar à sua ideia bordada de ócas enfações filosóficas, uma base coerente de significação expressiva — este, na maioria da sua obra, é o autor mais lido pelas camadas populares, o mais honesto trabalhador da língua, o mais compreensivo artista tradutor da alma portuguesa, a-pesar

dos seus monstruosos exageros e falsificações.

Uma ideia depois de expressa, não vale só pela substância que a faz, mas principalmente pela sua capacidade de expansão.

As palavras simples são aquelas que dão uma mais ampla comunicação e encerram maior quantidade de pensamento.

Hoje o analfabetismo no nosso país é espalhadíssimo, um pequeno número de indivíduos sabem ler; no entanto a nossa literatura actual cada vez se enche mais de escritos que cultivam o dizer incompreensível do provincialismo, da construção verbal aristocrática e arrevezada.

E' corrente entre as nossas elites culturais a opinião de que a instrução popular se deve realizar fazendo subir o povo até aos indivíduos cultos, mas nunca descender estes até ao povo; nem tampouco falar-lhe esta cultura na sua

linguagem simples e chá. Será possível instruir as camadas populares através uma linguagem não popular? Creio que não.

Se tem sido difícil difundir conhecimentos em toda a espécie de linguagens, (mesmo as mais simples) mais deverá sê-la se se juntar ao corpo de conhecimentos que se querem ensinar o acréscimo da aprendizagem duma elevada e culta forma de dizer.

Esta sobrecarga de cultura é inútil enquanto o povo não aprenda a quantidade de saber correspondente à sua linguagem porque a sua expressão está mais adiantada do que a sua cultura.

A fala popular das cidades, fora o sotaque regional a que os mais instruídos não escapam, é quasi perfeita de simplicidade e harmonia lógica, é capaz de com pequenas correções, abarcar uma bagagem cultural que o povo está longe de possuir.

Mas esta aprendizagem não é possível se os cultos de todos os jornais literários do país continuarem a apregoar platonicamente que o povo deve subir até à felicidade científica das suas cómodas secretárias sobre as quais eles o esperam de braços cruzados.

Nada disso. Para cultivar o povo é preciso tomar no seu seio uma posição activa, conviver, sentir com Ele a sua vida, e dar-lhe para enriquecimento desta os ensinamentos da cultura.

Se algum movimento houvesse aqui seria de descida. Entrar na alma popular, interpretar a sua angústia para lhe ajudar a descobrir o meio de destruí-la, rasgando novos caminhos de felicidade.

E' preciso conhecer a Humanidade do Povo, auscultar o ferver da sua consciência, não para o contemplar estérilmente, mas para o auxiliar nas resoluções dos seus problemas de vida.

Há que remediar o fenómeno da capitalização da cultura, distribuído esta pelos cérebros com bom terreno à espera de sementeira.

O Homem culto, privilegiado por circunstâncias fortuitas, tem de dar aos outros do seu capital de cultura convivendo com o povo, lembrando bem que a relação entre ele e o homem do povo é apenas a relação humana entre um homem e outro homem. Não há aqui nem subida nem descida, há uma relação solidária de igualdade entre dois homens à mesma altura que reconhecem o dever social de auxiliar-se. Contemplar a ignorância do povo como se contempla a natureza, é deshumano: é deshumano

no um homem que goza contemplando a dor de outro. As relações sociais não são posições de espectadores de uns quanto aos outros, são relações de activo auxílio mútuo para mais enérgico reforçamento do prazer da vida.

Para isto é preciso entrar (e não descer) no viver do povo. Já se disse que no povo está a verdade. E é certo.

Os cultos querem puxar o povo até aos cimos da sua cultura. Ora toda a cultura tem uma direcção de utilidade. Todo o indivíduo que queira cultivar-se, devido à extensão do campo do conhecimento, tem de escolher, por simpatia, determinadas secções deste conhecimento e pôr de parte outras. A cultura é uma actividade faciosa pela multiplicidade de direcções elegíveis.

Quem diz aos patriarcas da cultura apregoada que é a direcção e a substância da sua cultura a mais útil, mais humana, mais capaz de dar felicidade ao povo? Parece-lhes grande meio tomar decisões soberanas e oferecer um pão do saber possivelmente mau, a quem o saboreia porque não conhece outro?

E se o povo sobe até à altura cultural a que o querem elevar, e ele, o povo bom que quer ser feliz, e sabedor, reconhece que o enganaram, que não era aquela a cultura que procurava?

São populares os autores que escrevem uma linguagem claramente compreensiva — Camilo e Júlio Denis.

Gil Vicente desenha perfectos tipos vivos na sua expressão bela, movida, cheia de chocantes realismos plebeus. Gorki foi o escritor que feito dentro do povo não chegou a sair dele, viveu sempre a sua vida simples, trouxe para os livros em palavras transparentes as dores e as alegrias anónimas que ele observou e mais que todos sofreu. Por isso o povo o ama. O homem culto não pode compreender o povo interrogando-o e vendo-o de cima, tem que senti-lo.

E senti-lo é vibrar na intensidade tumultuosa da vida popular.

Quem quiser auxiliar o povo, dar-lhe uma cultura útil, tem que viver com o povo, procurar, dentro da sua vida, as suas necessidades de cultura (e direcção) e interpretar e sentir tão bem as precisões do povo que estas sejam as suas próprias.

Que a Cultura não separe em escalas, antes aproxima os homens na compreensão duma ajuda mútua para tornar a vida mais produtiva e mais saborosa.

Trechos selectos dos grandes filósofos contemporâneos

DE Hans Reichenbach

in «*La Philosophie Scientifique, vues nouvelles sur ses buts et ses méthodes*» N.º XLIX, *Actualités Scientifiques*, Herman et C.^{ie} — Paris.

«Rompendo assim com os métodos antigos, a nova filosofia científica deve abandonar qualquer relação deliberada com os precursores, mesmo quando trabalhavam sob a sua égide: Schelling, Haeckel, os respeitáveis Iónios, eles também. O que entendiam por «filosofia da Natureza» era o oposto das nossas concepções actuais. Não contestamos certamente o interesse histórico, a utilidade de seguir analogias vistas através da antiga filosofia científica. Que não nos acusem de falta de deferência para com ilustres pensadores! Preferimos apenas dirigir-nos, para a solução dos nossos problemas, ao movimento científico contemporâneo, que ferve em actividade. As coisas são hoje tão diferentes do que eram outrora que, francamente, nada se pode pedir já aos Antigos. Esta declaração não nos impede de confessar que o estudo retrospectivo de seus trabalhos conduziria talvez a descobrir nêles mais saber do que aquele que nêles descobriram os comentadores; mas não o conseguiríamos senão porque, justamente, nossas próprias luzes nos iluminaram sobre essas questões. Leibniz, por exemplo, sabemo-lo hoje, possuía já a ciência causal do espaço e do

tempo, como em nossos dias a concebe a filosofia relativista. Mas não foi possível apreciar o conteúdo desta parte da sua obra, senão depois que a Relatividade deu um novo desenvolvimento a este sistema de ideias, sem qualquer relação, para isso, com Leibniz. Devemos admirar o ilustre filósofo, que é talvez o que está mais próximo de nós sob esse ponto de vista, mas nada temos que aprender nêle. Deixemos a interpretação dos heróis áquelles que para retomar uma palavra de Kant — tomam a história da filosofia pela própria filosofia. Imitemos antes os grandes filósofos do passado, que de boa vontade esqueciam as opiniões dos seus predecessores. De facto, sua contribuição para o conhecimento produziu o seu efeito; a nossa educação recebeu disso a influência. Mas o que hoje é preciso fazer pode ser encontrado colocando-nos imediatamente em face dos problemas, sem que tenhamos necessidade de nos virar para a tradição. Deixemos a nossos vindouros o cuidado de estudar se existe uma continuidade histórica; mas, mesmo que esta questão possa ser resolvida mais tarde pela afirmativa, não é tarefa daqueles que têm de construir a nova filosofia científica o ocupar-se da continuidade histórica. Para aquele que constrói, trata-se de relações lógicas: quanto às relações históricas, estabelecem-se por elas próprias».